

TRANSITIVIDADE E ENSINO: COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO DE OPINIÕES NO EDITORIAL

Medianeira SOUZA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

ABSTRACT: *This work aims at analyzing, based on Systemic Functional Linguistics (SFL), lexical-grammatical category of transitivity in editorial genre, specifically in existential processes, with the main purpose of identifying the role this category performs in opinion construction through this genre. From obtained results, we intend to suggest some alternatives to approach transitivity in Portuguese language teaching.*

KEY WORDS: *Transitivity. Opinion. Teaching*

RESUMO: *Neste trabalho, examinamos a luz da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) a categoria léxico-gramatical da transitividade no gênero editorial, mais especificamente os processos existenciais, com o propósito de averiguar o papel que esta categoria desempenha na construção da opinião que esse gênero veicula. A partir dos resultados obtidos, pretendemos sugerir formas alternativas de abordagem da transitividade no ensino de língua portuguesa.*

PALAVRAS-CHAVE: *Transitividade. Opinião. Ensino.*

1. Introdução

É patente nos estudos lingüísticos atuais a vitalidade e a importância dos estudos sobre os gêneros textuais diante da evidência de que interagimos e agimos socialmente através dos diversos gêneros textuais existentes. Em grande parte de nossas interações fazemos uso da argumentação para convencer nosso interlocutor de algum ponto de vista que pensamos ser o mais adequado naquele momento a respeito de algum assunto. Na esfera jornalística, também se faz necessário argumentar e defender opiniões e isso se faz através dos gêneros opinativos como o artigo, a resenha e o editorial, objeto de nossa análise. Também é notória, nos estudos sobre a linguagem, a relevância da análise do funcionamento da língua através de categorias gramaticais como a transitividade, uma vez que o estudo destas categorias nos permite refletir sobre a organização e o funcionamento de uma língua, o que nos torna mais eficientes no uso que fazemos dessa língua.

Partindo desta compreensão, pretendemos à luz da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) examinar a categoria léxico-gramatical da transitividade no gênero editorial, mais

especificamente os processos existenciais, com o propósito de averiguar o papel que esta categoria desempenha na construção da opinião que esse gênero veicula. A partir dos resultados obtidos, pretendemos sugerir formas alternativas de abordagem da transitividade no ensino de língua portuguesa, nos níveis fundamentais e médios, por entender que análises de língua em uso, como as que efetivamos nesse trabalho, são mais profícuas e mais convincentes.

Nossa investigação realizou-se em editoriais dos jornais *Folha de São Paulo* (FSP), *Jornal do Comércio* (JC) e *Folha de Pernambuco* (FPE), e das revistas *Veja* (VE), *Época* (EP), *Uma* (UM) e *Todateen* (TT), publicados entre abril e setembro de 2004. Dos jornais, foram recolhidos 36 editoriais; das revistas *Veja* e *Época*, 24; e 12 das revistas *Uma* e *Todateen*. As orações com os processos existenciais *haver* e *existir* foram selecionadas com o apoio do *software Micorconcord* e analisadas levando em consideração o contexto mais imediato de sua localização, sua relação com outras orações e sua inserção no contexto do editorial.

Nosso objeto de estudo, o editorial, é um gênero que se situa no campo do jornalismo opinativo, em virtude de sua função e de suas condições de produção. Em relação a este aspecto, podemos dizer que o editorial está condicionado a um ritual complicado, uma vez que se destina a traduzir o pensamento oficial do jornal ou da revista em que circula. O editorial é característico do jornalismo impresso (embora já faça parte de veículos midiáticos *online*) e possui localização fixa, a qual pode ser interpretada como um elemento constitutivo desse gênero, na medida em que a entendemos como um lugar de *ancoragem ideológica* (cf. RODRIGUES, 2001).

Tratando do editorial nos estudos sobre os gêneros textuais em geral, podemos afirmar que ele se define como um gênero, ao lado dos outros gêneros da esfera jornalística, por apresentar em sua constituição: forma, propósito comunicativo, conteúdo, situacionalidade,

público específico e inserção social. Definido especificamente esse gênero, dizemos que ele é o responsável pela emissão de uma opinião institucional, e que visa, portanto, a convencer o público de um determinado ponto de vista, mas um ponto de vista que representa uma instituição, no caso, uma empresa jornalística. É também um gênero que apresenta variações, quer no formato, em relação ao suporte que o veicula (jornal ou revista), quer em relação ao público a que se dirige, como por exemplo, o da revista *Veja* e o da revista para meninas adolescentes *Todateen*.

Em nosso *corpus* contamos, pois com editoriais do tipo padrão, representativo de uma opinião institucional, aquele utilizado pelos jornais; editoriais de apresentação, responsáveis por apresentar a edição em pauta, mais frequentes nas revistas; e editoriais mistos, aqueles que combinam opinião e apresentação. Representam a primeira categoria, os editoriais da *Folha de São Paulo*, *Jornal do Comércio* e *Folha de Pernambuco*; na segunda categoria, estão os editoriais de *Veja*, *Época* e *Uma*; e na terceira, os editoriais da revista *Todateen*.

3. A transitividade e a Linguística Sistêmico-Funcional

Entendida pela gramática tradicional como a propriedade que tem um verbo de relacionar-se ou não com complementos, daí a denominação atribuída aos verbos de transitivo ou intransitivo, a transitividade na LSF é compreendida como um sistema que envolve toda a oração e ocupa uma posição privilegiada, já que é a responsável pela expressão de nossas experiências. Em outras palavras, a transitividade é a categoria léxico-gramatical que codifica a representação do mundo na linguagem através de seus componentes, os processos (verbos), os participantes (sujeito e complementos) e as circunstâncias (adjuntos adverbiais).

Para a LSF, a linguagem se organiza mediante três metafunções, as quais são responsáveis: (i) pela representação, ou construção, dos conteúdos – função *ideacional*; (ii) pela interação entre usuários – função *interpessoal*; e (iii) pela organização das informações –

função *textual*. Embora ressaltando que essas funções ocorrem simultaneamente nos usos lingüísticos, a LSF prega que as línguas se estruturam em torno de dois significados básicos que correspondem as duas primeiras funções, ao qual a terceira se associa para efetivação dos dois grandes propósitos da comunicação humana: *entender o ambiente e influir sobre nossos interlocutores*.

Para essa vertente funcionalista de estudos da linguagem, os elementos lingüísticos não significam por si sós; o significado é codificado nos enunciados e é obtido por meio das escolhas que os usuários realizam em detrimento de outras escolhas que poderiam ter sido feitas. Uma gramática funcional destina-se, por isso, a revelar os significados que estão codificados nas sentenças, já que para essa abordagem, cada sentença expressa três significados simultaneamente, sendo a realização das três funções básicas da linguagem supramencionadas.

As metafunções da linguagem relacionam-se a três aspectos de grande importância para a realização das análises postuladas pela LSF; são as variáveis: *campo, relação e modo*, as quais se referem respectivamente: à natureza das práticas sociais; à natureza da ligação entre os participantes da interação; e à natureza do meio de transmissão da mensagem e ao papel da linguagem na interação. Como a LSF considera como objeto de estudo a língua em seus usos, uma interação não pode ser vista *descolada* de uma situação de uso, portanto, essa corrente de pensamento postula a existência de dois contextos, o *contexto de cultura* e o *contexto de situação*, nos quais as interações se dão e nos quais, por sua vez, se efetivam as variáveis: campo, relação e modo; e as metafunções ideacional, interpessoal e textual.

Dessa forma, o sistema de transitividade, como concebido pela LSF, é componente da interação social proporcionada pela linguagem, nesse ambiente bem mais amplo que leva em conta a cultura – contexto de cultura - onde as interações lingüísticas se dão, bem como a situação imediata - contexto de situação - da produção verbal. Isso a afasta definitivamente da

concepção de transitividade centrada no verbo, uma vez que é vista como constitutiva da oração e analisada como um dos recursos pelo qual as experiências que os usuários têm do mundo são registradas e compartilhadas com outros. A transitividade é, portanto, a base da organização semântica da experiência e denota, não somente a familiar oposição entre verbos transitivos e intransitivos, mas um conjunto de tipos oracionais com diferentes transitividades.

Assim, a transitividade permite, em primeiro lugar, identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas nos textos; e, em segundo lugar, identificar que realidade está sendo retratada e de que forma, já que é pela linguagem que externamos as experiências que vivenciamos em relação às pessoas, aos objetos, às qualidades, aos estados e às condições existentes no mundo que nos rodeia e no mundo de nossa consciência, além de configurar, também, o mundo abstrato das relações de classificar e identificar (Halliday & Matthiessen, 2004). Essa identificação se dá através dos três elementos do sistema de transitividade da LSF: *processos*, *participantes*, e *circunstâncias* os quais permitem analisar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias*. Esses papéis correspondem, de modo geral, às três classes de palavras encontradas na maioria das línguas: verbo, substantivo e advérbio.

Cada tipo de processo – *material*, *relacional*, *mental*, *verbal*, *comportamental* e *existencial* - estabelece seu próprio esquema de construir um domínio particular da experiência. Nessa construção dos conteúdos através do sistema de transitividade, portanto, três processos são tidos como principais: os materiais, os mentais e os relacionais; e três, como secundários: os comportamentais, os verbais e os existenciais.

Apresentamos agora breves definições dos tipos de processos e seus principais participantes:

(1) os processos materiais são aqueles através dos quais uma ação ou acontecer se realizam, como nos caso em que estão presentes os verbos *cantar*, *andar*, *escrever* etc. Seus principais participantes - elementos envolvidos com os processos - são Ator, Meta, Extensão,

Beneficiário. “Helicópteros **faziam** vôos rasantes” (Época) é uma oração com processo material.

(2) os relacionais estabelecem uma relação entre os participantes da oração, seja uma identificação, seja uma classificação. Seus participantes são denominados de Portador e Atributo em orações que trazem uma classificação, como o exemplo “*Elas* são **generosas e carinhosas umas com as outras**” (Uma), no qual o Portador está em itálico e o Atributo está em negrito; e Característica e Valor, em orações que trazem uma definição, como no exemplo: “**VEJA** é a maior e a mais influente revista do Brasil.” (Veja), no qual o participante Característica está em negrito e o Valor, sublinhado.

(3) os mentais externalizam experiências do mundo interior ou de nossa consciência como aquelas presentes nos verbos *pensar, compreender, amar, saber* etc. Seus participantes são chamados de Experienciador e Fenômeno. São exemplos de processos mentais e seus participantes as orações: “**Quer** provar um pouquinho?” (Todateen) e “O Governo só **pretende** investir no negócio a partir de 2004” (Jornal do Comércio).

(4) os processos verbais constroem um dizer, um apontar, um comunicar. Realizam-se em verbos como *dizer, mostrar, falar* etc. Seus participantes são denominados de Dizente e Verbiagem. São exemplos de processos verbais: “Os governos **falam** na criação de uma moeda comum” (Folha de São Paulo) e “Para não entrarmos em contradição com o que **afirmamos** acima, de se tratar de um orçamento realista, convém observar que as previsões feitas repousam nas expectativas favoráveis de crescimento de 3,5 % do PIB...” (Folha de Pernambuco).

(5) os comportamentais expressam um modo humano de comportar-se; são verbos como *assistir, focar, ouvir, respirar* etc. São parte ação, parte sentir. Seus participantes são o Comportante e o Behaviour, termo ainda não traduzido pelos sistemicistas do português.

Temos exemplo desse tipo de processo na oração: “Ouvimos aliviados a sentença favorável do juiz”.

(6) por fim, os existenciais, objeto específico de análise neste estudo, representam algo que existe ou acontece e exige apenas um participante, o Existente. No português, são realizados pelos verbos *haver* e *existir*. Com *haver*, temos a oração: “Nem todo processo de troca produz vencedores e perdedores. No comércio mundial ainda **há** distorções que premiam uns e punem outros...” (Veja), e com *existir*, temos: “Afinal, **existe** coisa mais fantástica do que segurar na mão do gato, olhar nos olhos dele e dizer: Eu te amo!?” (Todateen).

As definições apresentadas têm por finalidade compor um quadro sintético da transitividade na LSF apresentado ao leitor para situá-lo no tema. Dando continuidade ao texto, passamos à apresentação dos dados, ressaltando, primeiro, que as orações foram investigadas como escolhas significativas em relação a outras escolhas; e, segundo, que o contexto global do gênero estudado, bem como a localização mais imediata da oração, é fundamental à análise, conforme prescreve a LSF.

4. A transitividade em editoriais: os processos existenciais

Nesta seção apresentamos dados de nossa análise realizada nos editoriais que compõem o nosso *corpus*. Além de demonstrarmos como os processos existenciais se fazem presentes no editorial e como tais processos contribuem para a elaboração desse gênero, esperamos ainda fazer ver que o sistema de transitividade desempenha funções discursivas que o tornam imprescindível à construção do sentido de um texto. Isso nos faz crer que esse tipo de análise aplicado aos estudos gramaticais do ensino fundamental e médio se apresenta como mais produtivo e mais consistente.

4.1 Os processos *haver* e *existir*

A função dos processos existenciais, como já mencionamos, é construir a existência de algo. Para Halliday e Matthiessen (2004), processos existenciais são representações de algo que existe ou acontece. Tipicamente, ocorre no início de um texto ou quando o texto está movendo-se para uma nova fase (cf. BUTT et al, 2000), sendo, neste caso, formas de dar prosseguimento ao texto. Os processos existenciais têm apenas um participante obrigatório, o *Existente* e elementos circunstanciais quase sempre estão presentes nesse tipo de processo.

Os processos existenciais estão presentes nos dados através dos verbos existenciais prototípicos da língua portuguesa: *haver* e *existir*. O primeiro registra 49 (quarenta e nove) ocorrências, o segundo 11 (Onze) ocorrências. Aqui apresentamos uma síntese da análise efetivada nesse conjunto de ocorrências através das orações apresentadas abaixo:

(1) Os entendimentos avançaram e **há** sinais de que pode o ministro Cristovam Buarque dar uma inestimável contribuição à preservação de nossa memória com recursos ínfimos transferidos a UFPE. (JC)

(2) Nem todo processo de troca produz vencedores e perdedores. No comércio mundial ainda **há** distorções que premiam uns e punem outros... (VE)

(3) Já se comparou muito o governo de Luiz Inácio Lula da Silva com a gestão de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. **Há** algumas semelhanças, especialmente na condução da política econômica... (EP)

(4) **Há** um aspecto que merece atenção quando se aborda esse tema: a qualidade no atendimento aos que viajam em busca de lazer e conhecimento... (FPE)

(5) **Há** ainda aquelas mulheres que estão sempre com a agenda lotada... (UM)

(6) ... a impressão que se tem é que a proposta da comissão foi concebida para uma universidade ideal que não **existe** no Brasil. (FSP)

(7) Afinal, **existe** coisa mais fantástica do que segurar na mão do gato, olhar nos olhos dele e dizer: “Eu te amo!”? (TT)

O processo *haver* cumpre, de (1) a (4), a função de dar continuidade a idéias anteriores, apresentando um elemento novo que se instancia, que se cria pela presença desse processo. A introdução desse elemento recém-criado dá prosseguimento ao fluxo do texto, funcionando como uma ponte entre o *dado*, apresentado até então, e o *novo*, as idéias que passam a ocupar o centro da discussão. Assim se dá em (1), em relação às idéias anteriores sobre a importância de se preservar a memória de Recife e a possibilidade de se poder realizar essa tarefa concretiza-se na oração construída com *haver*, e também em (2), (3) e (4). São todos casos de prosseguimento do texto pelo surgimento de outras informações, adequadas ao conteúdo abordado: as orações (2) e (3), por exemplo, lidam com temas de Economia e Política, e os Existentes, por essa razão, situam-se nessa temática. Já o exemplo (5) dá seqüência a comentários sobre os tipos de mulheres e introduz outro tipo de mulher, aquelas ocupadíssimas, que não têm tempo para absolutamente nada.

A oração (6) dá continuidade ao texto, dessa vez apresentando como novo o *Existente* “*universidade ideal*” e expondo claramente a opinião do jornal FSP sobre a proposta de avaliação do ensino superior, anteriormente esboçada. Em (7), o foco da oração existencial passa a ser a leitora, e o fato criado pelo processo *existir* apela diretamente a sua sensibilidade, no sentido de que aquela venha a agir da mesma forma que “prescreve” o editorial. Nesse exemplo, quando observado na totalidade do texto, também se visualiza a noção de continuidade, traço característico dos processos existenciais.

Criando novos fatos que: expandem a temática abordada, como em (4); justificam afirmações já feitas, como em (6); e apelam para a conquista do leitor, como em (7), as orações existenciais também trazem uma contribuição específica para os editoriais, assim

como o fazem com as narrativas ao introduzirem personagens centrais (cf. HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004). Funcionando como *link* e, simultaneamente, como instauradoras de um novo foco discursivo, as orações com processos existenciais são deveras interessantes no trato com a construção da argumentação nos editoriais. Então, esse tipo de processo é especialmente importante para a progressão textual dos editoriais analisados, desempenhando um papel relevante na construção do sentido.

4.2 O participante *Existente*

As orações com processos existenciais representam algo que existe ou acontece e “seu sujeito tende a constituir uma informação nova” (PEZATTI, 2004, p. 196). Processos Existenciais exigem apenas um participante, o Existente que figura nos dados em sua grande maioria como Sintagma Nominal Lexical, como podemos comprovar a seguir:

(8) Há **consciência**, no entanto, de que um enfraquecimento mais abrupto da moeda poderia gerar problemas. (FSP)

(9) Nem todo processo de troca produz vencedores e perdedores. No comércio mundial ainda há **distorções que premiam uns e punem outros...** (VE)

(10) De um lado, existe **um desconforto mais do que conhecido com as reformas**. De outro, uma certa irritação com a demora para tirar as mudanças do terreno das discussões. (EP)

(11) Há ainda **aquelas mulheres que estão sempre com a agenda lotada...** (UM)

(12) Afinal, existe **coisa mais fantástica do que segurar na mão do gato, olhar nos olhos dele e dizer: “Eu te amo!”?** (TT)

Encontradas em todas as fontes com poucas ocorrências, as orações com processo existencial - *haver* e existir - são a adição de algo novo, criado e materializado no participante Existente, a uma idéia anterior. Esse *novo* pode encerrar um ciclo argumentativo, como em (8) e (10). Pode iniciar outra perspectiva discursiva como em (11), ou ser uma espécie de transição de uma idéia para outra como (9) e (12). Portanto, o que une todos esses Existentes assinalados nos exemplos é a capacidade de dar seqüência ao texto.

Através desses resultados pudemos comprovar como os processos existenciais, nos editoriais analisados, *criam* entidades ou fatos, os quais expandem comentários, seduzem o leitor e externam um ponto de vista em especial. Dessa forma, os existenciais contribuem especificamente para o sentido dos editoriais, diferentemente do modo como o fazem nas narrativas, quando são responsáveis por introduzir os personagens principais. Também funcionando como elos entre trechos dos editoriais e simultaneamente instaurando novos focos discursivos, ou seja, realizando a progressão textual, os processos existenciais revelam-se particularmente relevantes na elaboração do gênero editorial.

Gostaríamos de salientar que nossos dados não permitiram que visualizássemos outras diferenças, além das mencionadas, no uso dos processos existenciais na variação do gênero editorial constante do *corpus* investigado, razão pela qual apresentamos os resultados sem separação entre os jornais e revistas dos quais os dados foram coletados e sem separação entre os tipos de editorial. Uma correlação entre os diferentes veículos usados como fonte de pesquisa e os diferentes tipos de editorial será matéria para outra investigação porque um objetivo implícito do presente trabalho era observar o funcionamento dos processos existenciais no editorial tendo como parâmetro seu funcionamento nas narrativas conforme descrito em Halliday & Matthiessen (2004).

5. Considerações finais: de transitividade e ensino

Efetivada a análise, podemos, então, afirmar que o uso do sistema de transitividade, em especial dos processos existenciais e seu participante, constitui um modo de apresentar idéias, defender pontos de vistas e buscar a adesão do leitor. O sistema de transitividade, interpretado pela LSF como a categoria gramatical responsável pela representação das experiências de mundo, externas ou internas, cumpre, pois, a função de expor essas experiências com o intuito de persuadir o leitor, objetivo central no editorial.

Em síntese, todos os tipos de processo têm uma função que lhes é própria, no entanto essa função pode se alterar em virtude dos objetivos do gênero e das escolhas realizadas, como pudemos comprovar nos editoriais; já os participantes refletem vivências, ressaltam sentidos e pontos de vista, enfim colaboram na formação de um determinado *frame* que tem por objetivo fazer o leitor ler editoriais, jornais e revistas, concordar com as idéias expostas e consumir o produto - jornal ou revista em si - ou os produtos anunciados. Esses usos diversificados, registrados nos dados, comprovam, portanto, nossa hipótese de que a transitividade cumpre um papel específico na realização do editorial enquanto gênero opinativo.

E uma vez que a transitividade cumpre funções comunicativas se faz necessário, portanto, apresentá-la aos estudantes de ensino fundamental e médio levando em conta essa prerrogativa. Nesta perspectiva, a LSF “preocupada com o idioma em sua totalidade, de forma que tudo que é o dito sobre um aspecto sempre será entendido com referência ao todo” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 19-20), nos leva a propor estratégias de ensino da transitividade centradas em gêneros textuais diversos, os quais representam as diversas situações de interação social efetivas, das quais tomamos parte cotidianamente.

Esse artigo, no qual analisamos os processos existenciais, pretende ser um exemplo de como trabalhar com essa categoria, pois os nossos dados pertencem a gêneros autênticos,

exemplos da relação entre gramática e contextos de uso. Essa análise oferece, no nosso entender, subsídios, tanto para a interpretação como para a produção desse tipo de texto, quer seja para alunos do ensino fundamental, quer seja para alunos do ensino médio. Ele pode ser o guia, a partir do qual o professor selecionará outros gêneros e adequará sua abordagem da transitividade de acordo com o grau de amadurecimento intelectual de seus alunos.

Realizar uma análise desta natureza - observando outros tipos de processos e seus participantes em gêneros diversos, talvez os mais presentes na vida do aluno do ensino fundamental e médio, como cartas, poesias, canções, histórias infantis - é perfeitamente possível e fará com que o aluno seja exposto a um conhecimento diversificado dos usos lingüísticos, em especial no que diz respeito ao funcionamento de categorias gramaticais, como a transitividade. Essa forma de abordagem certamente trará para o estudante de língua portuguesa mais produtividade nas análises, interpretações e produções textuais realizadas dentro e fora da escola, por se caracterizar como uma abordagem de situações de uso efetivo da língua em contextos sociais determinados.

6. Referências bibliográficas

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. DIONÍSIO, Â. P.; HOFFNAGEL, J. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2005.

BUTT, D. *et. al.* **Using functional grammar: an Explore's Guide**. Sydney: Macquarie University, 2001.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Pinter Publishers, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on Transitivity and Theme in English. **Journal of Linguistics**, nº 3, Part I, 1967.

- _____. Notes on Transitivity and Theme in English. **Journal of Linguistics**, Part II, 1967b.
- _____. **An Introduction to Functional Grammar**, London: Edward Arnold, 1985.
- _____.; MATTHIESSEN, C. M. I. M., **Introducion To Functional Grammar**. London: Arnold, third edition, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Working with Functional Grammar**. London: Arnold, 1997.
- MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L. ; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais**. Bauru/SP: EDUSC, 2002.
- NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). São Paulo: Cortez, 2004, p.165-218.
- RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2001.
- SCOTT, M. & JONHS, T. **MicroConcord Manual: An Introducion to the Practices and Principles of Concordancing in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- SOUSA, J. P. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação**. Florianópolis-SC: Letras Contemporâneas, 2004.